

## SOY LOCO POR TI, AMERICA - A Melhor De Três.<sup>1</sup>

PAULO B. C. SCHETTINO<sup>2</sup>

### Resumo

Os navegadores da Europa Ocidental criam coragem, por volta dos fins de Séc. XV, e em busca de um lugar mítico, qual um paraíso perdido, que existiria para além do horizonte longínquo que das praias suas vistas alcançavam, se lançam aos que criam mares sem fim que sem parar batiam insistentemente em suas terras. Um sonho uma quimera uma ilusão que de tão vívidos exorcizavam os pavores e o medo da queda no abismo infinito que cairiam ao navegar sempre em linha reta, sem contar com os monstros terríficos que enfrentariam mais aterrorizantes quanto mais afastados estariam do lar e de seu universo circundante. De um dentre os que foram e voltaram como narradores de sua existência o Novo Mundo herdaria o nome – América – e de um sonhador – Utopia – que revelava sua competência de materializar desejos. Revelou-se um continente tão vasto a ponto de ser necessário fragmentar em três partes o seu desenho vertical de polo a polo, de gelo a gelo, passando pela ensolarada região central quando percorrido de norte a sul. Paradoxalmente paira sobre as três Américas o fantasma daquela uma e uma quarta – a América.

### Palavras-chave

Cultura; Identidade; Comunicação; Americanismos.

---

<sup>1</sup> Exemplo: Trabalho apresentado no GP Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduado em Física pela UFRJ; Mestre em Cinema e Doutor em Ciências da Comunicação ECA – USP. Pós-Doutoramento em Cinema, pela Universidade de Brasília – UnB. Professor-Visitante da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Membro da Academia Sorocabana de Letras – ASL, de Sorocaba/SP. Autor dos livros *Diálogos sobre a Tecnologia do Cinema Brasileiro, Da Pedra ao Nada: a viagem da Imagem - escritos apolíneos sobre os 'media'*, e *De Bello Media – O Novo Cinema Brasileiro*. Menção Honrosa pelo documentário *Ora (direis) ouvir estrelas!* no Festival Porto 7 – Porto/Portugal, em junho de 2008.

## PRÓLOGO

De volta aos bancos escolares – um pouco de Geografia e História das Américas.

A tripartição da América em América do Norte, América Central e América do Sul obedece a um critério geo-político. A cartografia do continente americano conforma seu espaço verticalmente de Norte ao Sul a conter todos os Paralelos existentes entre os dois polos do globo terrestre destacando o Paralelo que o divide ao meio denominado Equador. Longitudinalmente contém os Meridianos sobre o espaço localizado entre as orlas marítimas de suas costas oriental e ocidental banhadas respectivamente pelos oceanos Atlântico e Pacífico. Para nós brasileiros é importante destacar por sua função histórica o chamado Meridiano de Tordesilhas famoso por decreto papal ao mediar a posse das terras do novo continente frente ao litígio das nações descobridoras – Portugal e Espanha – ambos os países de tradição e cultura e língua latina e religião católica. Mais tarde, somou-se aos países colonizadores a Inglaterra, que ocuparia o norte da América do Norte e a França com presença bem menor.

A América Central se forma como o elo entre as regiões norte e sul – um estreito território segmentado em nações menores colonizadas pelos espanhóis formando um recôncavo em sua orla atlântica chamado de Mar das Antilhas dado a grande quantidade de ilhas pequenas e grandes, como Cuba por exemplo.

À Portugal coube a colonização do Brasil – um território tão vasto na América do Sul com proporções continentais. Enquanto a Espanha ocupa as terras que percorrem a orla do Oceano Pacífico desde o sul da América do Sul, toda a América Central e grande parte do sul da América do Norte – o então vasto território do México.

A Nova Inglaterra, vasta região da América do Norte colonizada pelos ingleses dará origem ao país que hoje conhecemos como Estados Unidos da América do Norte.

Três culturas europeias se impõem de modo diferenciado nas nações americanas e mantêm ainda seus traços, na atualidade, graças às línguas originais dos colonizadores restando desse modo dois blocos bem apartados – a América Latina (português e espanhol, principalmente, e um pouco do francês) e América dos Estados Unidos (inglês). A verdadeira língua ou línguas americanas desapareceram ou teimam a existir, nos poucos descendentes dos habitantes originais, muito poucos, que sobreviveram ao genocídio perpetrado pelos colonizadores.

## PARTE I

### PALAVRAS duas Músicas e um Filme

Aqui, neste mesmo fórum de ideias, faz alguns anos que participamos, em forma de comunicação, o resultado de pesquisas voltadas para a tentativa de buscar conhecimento – mistér de pesquisador – sobre as questões de alma latino-americana, essa mesma *alma llanera* cantada e decantada exaustivamente nos versos de sua música. . . dita ‘popular’.

Na ocasião, fomos buscar em EL DIA QUE ME QUIERAS, um tango-canção de Carlos Gardel, que saltaria do Rádio e dos discos da indústria fonográfica – então ambos nascentes e recentes meios de comunicação sonora a inaugurarem o que posteriormente chamar-se-ia de ‘cultura’ ou ‘comunicação’ de massa - para o universo imagético audiovisual do Cinema – a outra ‘coqueluche’ da 1ª metade do século XX. Nos ‘anos loucos’ que se sucederam ao primeiro pós-guerra para o horror jurado que nunca mais haveria o mundo inteiro dançava ao som do ‘charleston’ estadunidense e do ‘tango’ argentino. Dança-se o tango em Paris, dança-se o tango em Roma, dança-se o tango em Nova Iorque e ali se constrói a celebridade de Rodolfo Valentino – o primeiro *latin lover* do Cinema.

A propalada e exaustivamente estudada ‘convergência midiática’ (leia-se ‘convergência dos *media*’) na atualidade propiciada pela Internet reproduz apenas de certa forma alterada a simbiótica convivência dos *media* hegemônicos no período de tempo entre as duas grandes guerras mundiais. Foram os Estados Unidos, na América do Norte, a exportar o modelo comercial do financiamento dos *media* por meio do capital despendido em Publicidade e Propaganda. A Imprensa, com seus veículos principais – Jornais e Revistas – unia-se ao Rádio e à Indústria Fonográfica e ao Cinema e todos juntos colocavam suas ferramentas de trabalho – Palavras (escrita e oral) e Imagens – e seus produtos – Textos Verbais e Filmes – a serviço das empresas na divulgação de seus produtos postos à venda para seus públicos consumidores. Tudo corria muitíssimo bem nos anos 20 e parecia ser um acordo que duraria para sempre se não fosse o *cracking* da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929 que jogaria na lona os empresários e suas empresas, principais financiadores de seus vassallos *media*. E, como se não bastasse, vinha de novo da velha Europa o cheiro pútrido de guerra que seus países estavam a gestar e chocar o ovo desta nova serpente.

Uma segunda e cruenta guerra mundial sucedeu à primeira, não menos cruenta (1914/1918), nos anos 1930 gestada desde seus inícios e que eclodiria em seu final. . . e,

morto Gardel, uma outra falsa estrela latino-americana ocupa o seu lugar – Carmen Miranda na virada de 30 para 40 ‘conquista’ a Broadway na 5ª Avenida de Nova Iorque agora a sucessora de Paris - a outrora Cidade-Luz - e de quebra Hollywood, na Califórnia. E, o Samba brasileiro sucede ao Tango argentino e o mundo aprende e começa a sambar! E, as populações dos países da América Latina até aos dias de hoje seguiriam cantando e dançando. Nos anos 1950, morta Carmen Miranda, exatamente do Caribe da América Central onde se dera o início do sonho americano viria o novo ritmo oriundo dos terreiros habitados pelos negros e pela sua cultura e devoção aos seus deuses primordiais despertados que foram do anonimato e trazidos à luz dos holofotes primeiro timidamente pelo Cinema produzido no México embalado pelos versos de Augustin Lara e pelas ‘cadeiras’ e ‘ombros’ de manemolência incontrolável de suas dançarinas, depois incorporado pelo internacionalizado Cinema estadunidense, sucessivamente, o mundo aderiu ao ‘Bolero’, ‘Rumba’, ‘Mambo’, ‘Cha-Cha-Cha’... e o ‘Calipso’.

Nostálgicas emoções desse período dos anos 1950, cristalizadas na voz sempiterna de Elis Regina, trazem lágrimas aos olhos dos que suportavam o ‘torturante *band-aid* no calcanhar’ ao tentarem acertar o passo ‘nos dois prá lá e dois prá cá’ de um sofrido ‘bolero’.

Enquanto isso, durante a prevalência do ‘Bolero e da ‘Rumba’ no gosto popular (obrigatório lembrar o ‘Rui Rey e sua orquestra’ nos musicais da Atlântida) e enquanto que por aqui passava o espanhol Augusto Agueró, as ‘rumbeiras’ Cuquita Carballo, Maria Antonieta Pons (contracenando no cinema nacional brasileiro com o nosso Oscarito), Ninón Sevilla, e algum tempo depois a eterna ‘violetera’ Sarita Montiel, dançávamos ao som da voz aveludada do chileno Lucho Gatica. E, escutávamos Pedro Vargas, Trio Los Panchos e Perez Prado e sua orquestra. E, pairando sobre toda esta latinidade espanhola cantávamos e dançávamos ao ritmo de . . .

. . . LAS TRES CARABELAS, de Augusto Agueró (este um espanhol de Barcelona-1934/2011) com letra de G. Moreau, fala-nos da chegada dos espanhóis (1942) ao continente americano capitaneado pelo italiano-genovês, Cristóvão Colombo, a frente da pequena expedição patrocinada pelos reis católicos de Espanha, Fernando e Isabel, em míseras ‘três caravelas’ – Santa Maria, Pinta e Niña. A música, lançada no início de 1950, quando seu autor perambulava pelo Brasil e Argentina, metido com o Cinema, e que depois iria continuar sua nômade peregrinação aos EUA, aqui ganhou versão de nosso João de Barros, o nosso festejado músico ‘Braguinha’, com inúmeras gravações de cantores e cantoras brasileiros. Aconselhamos aos interessados buscar a gravação feita pelo conjunto ‘Trio Los Panchos’, a melhor versão – mesmo até daquela que a ‘favorita da Marinha’, Emilinha Borba, dera em tempos de seu reinado no esplendor da Rádio Nacional do Rio de Janeiro- Praça Mauá, 7 – RJ, Rio de Janeiro, capital federal do Brasil.

Um navegante atrevido salió de Palos, um dia  
Iba com três carabelas  
La Pinta, La Niña. . .  
E La Santa Maria

Hasta la tierra cubana  
Com toda su valentia  
Fue com las carabelas  
La Pinta, La Niña. . .  
E La Santa Maria

Mira tú que cosas pasan  
Em muchos años después

Hasta la tierra cubana  
Ho encontrado mi querer

Viva el audaz navegante  
Que viva la pátria mia  
Vivan las três carabelas  
La Pinta, La Niña. . .  
E La Santa Maria.

(corte temporal cinematográfico) – em 1992, no aniversário de 500 anos do feito de Colombo, a música LAS TRES CARABELAS recrudesceria ao ser recuperada para as novas gerações nas versões incríveis de Ney Matogrosso, Caetano Veloso e Gilberto Gil, entre outras inúmeras incursões de intérpretes e orquestras. Sugestão: vale a pena pesquisar na Internet.

Da fusão entre letra-palavra e melodia da dupla de baianos, o poeta Capinan e Gilberto Gil, este músico e nem menos poeta, dá-se um salto de ao menos 10 anos no tempo das caravelas dos descobridores pintadas por Algueró e Moreau e, surge eternizada pela interpretação de Caetano Veloso, a grande síntese do movimento político de resistência em fins da década de 60 e posterior ao golpe militar de 1964 que levantou toda a América Latina: SOY LOCO POR TI, AMERICA.

Soy loco por ti, América  
Yo voy traer una mujer playera  
Que su nombre sea Marti  
Que su nombre sea Marti...

Soy loco por ti de amores  
Tenga como colores  
La espuma blanca  
De Latinoamérica  
Y el cielo como bandera  
Y el cielo como bandera...

Soy loco por ti, América  
Soy loco por ti de amores... (2x)

Sorriso de quase nuvem  
Os rios, canções, o medo  
O corpo cheio de estrelas  
O corpo cheio de estrelas  
Como se chama a amante  
Desse país sem nome  
Esse tango, esse rancho  
Esse povo, digam-me, arde  
O fogo de conhecê-la  
O fogo de conhecê-la ...

Soy loco por ti, América  
Soy loco por ti de amores...(2x)

El nombre del hombre muerto  
Ya no se puede decirlo, quién sabe?  
Antes que o dia arrebente  
Antes que o dia arrebente...

El nombre del hombre muerto  
Antes que a definitiva  
Noite se espalhe em Latino américa  
El nombre del hombre  
Es pueblo, el nombre  
Del hombre es pueblo...

Soy loco por ti, América  
Soy loco por ti de amores...(2x)

Espero o amanhã que cante  
El nombre del hombre muerto  
Não sejam palavras tristes  
Soy loco por ti de amores  
Um poema ainda existe  
Com palmeiras, com trincheiras  
Canções de guerra  
Quem sabe canções do mar  
Ai hasta te comover  
Ai hasta te comover...

Soy loco por ti, América  
Soy loco por ti de amores...(2x)

Estou aqui de passagem  
Sei que adiante  
Um dia vou morrer  
De susto, de bala ou vício  
De susto, de bala ou vício...

Num precipício de luzes  
Entre saudades, soluços  
Eu vou morrer de braços  
Nos braços, nos olhos  
Nos braços de uma mulher  
Nos braços de uma mulher...

Mais apaixonado ainda  
Dentro dos braços da camponesa  
Guerrilheira, manequim, ai de mim  
Nos braços de quem me queira  
Nos braços de quem me queira...

Soy loco por ti, América  
Soy loco por ti de amores...(4x)

#### Um Filme

O Capitão de Castela/*The Captain of Castilla*, de Henry King (USA1947), com Tyrone Power, Cesar Romero e Jean Peters.

Pode ser visto simplesmente como um filme de aventuras em que o herói precisa vencer os obstáculos criados pelos seus inimigos, isto é, pelas personagens antagonistas. No caso específico desse nosso ‘herói’ – um jovem filho da nobreza espanhola – ele é tratado com excesso de crueldade pelos vilões a ponto de transformar a narrativa no caso clássico do Mito da Vingança. Quando a maldade ultrapassa os limites do suportável nada mais resta à sua vítima que alimentar o ódio em seu coração e enchê-lo do desejo de retribuir no mesmo diapasão. No entanto, o filme é muito mais do que isso em virtude da contextualização espaço-temporal em que se desenrola a trama: estamos na Europa, exatamente na Espanha em fins da Idade Média, por volta de 1500, quando juntamente com Portugal, devido às grandes navegações e suas conseqüentes descobertas de terras distantes, os dois países se tornam donos do mundo existente e que viesse a ser descoberto, até que a Inglaterra entrasse na História e acabasse com a festa ibérica. A ação do filme é deslocada para as Américas recém-descobertas quando o protagonista se une à tripulação do conquistador do México, Fernão Cortez, admiravelmente interpretado pelo ator Cesar Romero. A reconstrução de época é primorosa: filmado em locações, o que quer dizer que as imagens são autênticas do local em que a ação transcorre – o México, fotografado em esplendoroso colorido do processo Technicolor, e envolto pela música de um grande mestre do Cinema, Alfred Newman. O ator Tyrone Power então em sua fase galã interpreta o protagonista, e o filme também lança a jovem atriz Jean Peters. O diretor Henry King acrescenta ainda mais trunfos qualitativos ao filme.

King sempre foi um cineasta de ótimos filmes de ação e realiza uma obra com contexto histórico de um passado longínquo que não distorce a História, coisa rara no cinema estadunidense. Faz-se uma ambientação de um momento de nossa História com tal seriedade que o filme pode ser utilizado por professores que buscam no Cinema e Audiovisual material para suporte de sala de aula. Boa ocasião para apreender o sentido da expressão ‘queimar navios’ que utilizamos quando nada mais resta senão que seguir sempre em frente, sem chance de sequer cogitar-se de voltar atrás.

A nobreza europeia, diga-se de passagem – nada nobre; a questão da condição de vassalagem imposta aos pobres; o início da colonização das novas terras feita por assassinos degredados e por prostitutas; o tratamento desumano infligido aos nativos, quando não o genocídio – como é possível ver como nos casos da África e da Austrália no filme de Alfred Hitchcock *Sob o signo de Capricórnio*, não importando a nacionalidade do conquistador, fosse ele inglês, português, espanhol, belga, ou qualquer outra. Das colônias apenas interessa à coroa a matéria prima que se pode extrair para seu enriquecimento. E o Cinema de Hollywood mostra sua maestria em misturar entretenimento com ideologização devidamente diluída na trama dos filmes, de modo imperceptível, mas que permanece subjacente no imaginário dos espectadores.



**PARTE II**  
**IMAGENS**

















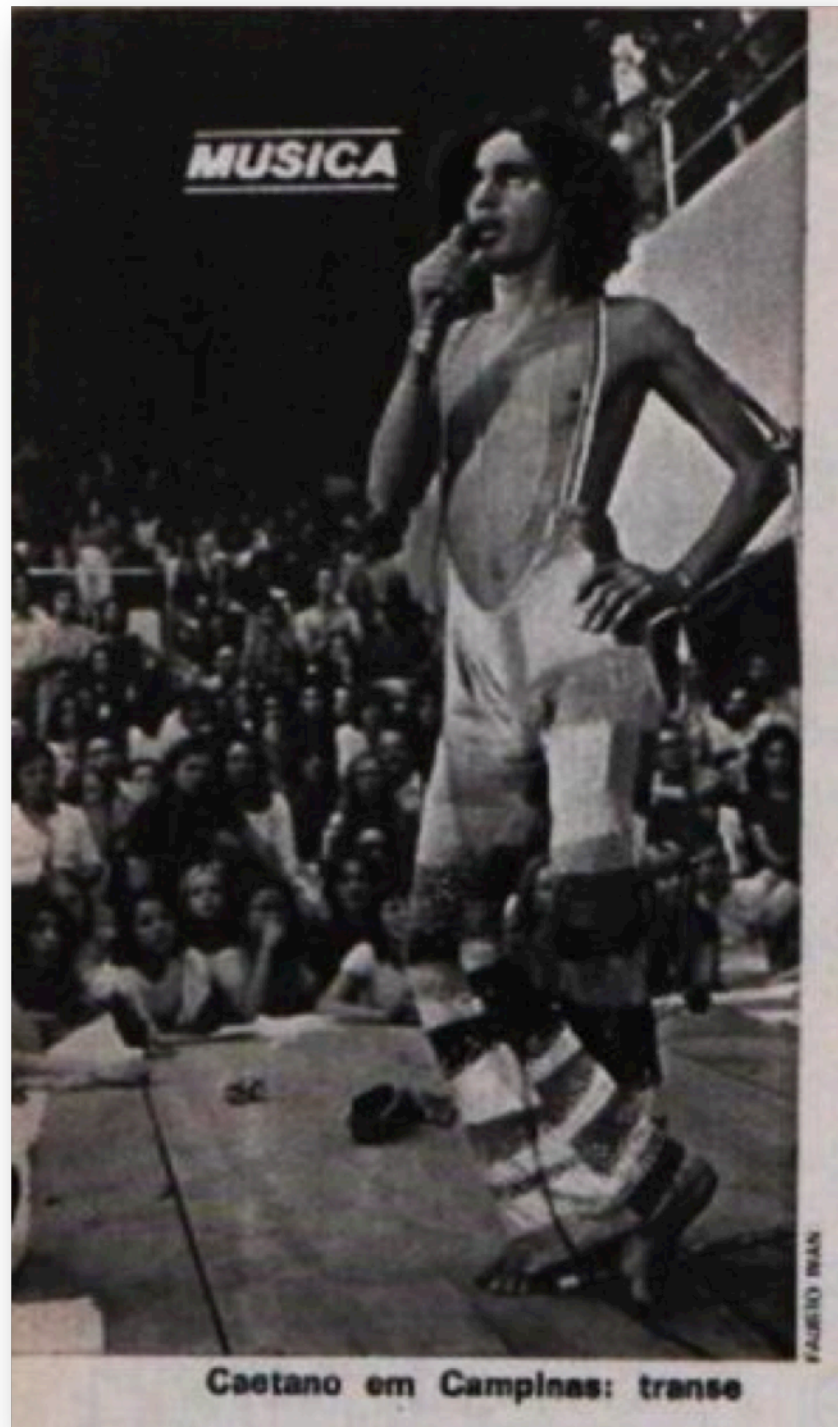












EPÍLOGO  
CONSIDERAÇÕES FINAIS

E, por falar em Viagens, pretendeu-se aqui aplicar um pouco do pouco que sabemos a respeito de Linguagens – o primeiro plano para adquirir competência para a produção de discursos, o segundo plano e concretização do fenômeno do humano que chamamos Comunicação, isso segundo Hyelmslev. Na comunicação humana, cotidiana e direta, assim como nas narrativas audiovisuais (Teatro/Cinema/Televisão) a sequencialidade das palavras emitidas ou imagens produzidas adquirem uma importância predominante. Nada impede e ao contrário é festejado que inversões sejam feitas quando editamos palavras ou imagens inda que a comunicação saia prejudicada ou dificultada – textos verbais viram Poesia e textos imagéticos denotam estilo e traços de criatividade do produtor- também considerados Poesia.

No entanto, aqui, optamos pela linearidade do eixo temporal para mergulhar na elipse, portanto ocultada, dos proeminentes fatos, assim os julgamos, que colhemos desde a partida de Colombo em 1492 rumo ao (des)conhecido Mundo Novo, ou Índias Ocidentais, ou . . . AMÉRICA.

## I – EM VIAGEM

Um navegante atrevido salió de Palos, um dia  
Iba com três carabelas  
La Pinta, La Niña. . .  
E La Santa Maria

Acreditando já que a Terra fosse esférica conforme relatos de viagens anteriores de seu conterrâneo Américo Vespúcio, e com o imaginário incendiado pelos relatos maravilhosos de seu outro conterrâneo Marco Polo, o italiano genovês Cristóvão Colombo cria tão fortemente que se navegasse em linha reta atingiria o Oriente. Aos reis de Espanha convence e patrocinado por eles parte do porto de Palos em direção das sonhadas Índias.

## II – A CHEGADA

Hasta la tierra cubana  
Com toda su valentia  
Fue com las carabelas  
La Pinta, La Niña. . .  
E La Santa Maria

Aporta no que hoje conhecemos como o Mar do Caribe, Mar dos Caraíbas ou Mar das Antilhas. Em um arquipélago de inúmeras ilhas todas elas habitadas por aborígenes

dóceis, procura pelo grande Khan e seus palácios encantados de grandes reis locupletados em imensa riqueza, porém, nada encontra igual aos relatos de Marco Polo. Retorna a Espanha e leva consigo os ‘animais’ semelhantes a humanos aqui encontrados.

### III – O CONTINENTE DESCONHECIDO

Em seu retorno ao Novo Mundo percebe um *continuum* de terras então desconhecidas. Dá-se conta tratar-se de um vastíssimo continente ainda desconhecido e mais, ainda inexplorado.

### IV – O CONTINENTE DESMEMBRADO

Da Espanha viriam outros viajantes como Pizarro e Fernão Cortés para tomarem posse da terra nova para a coroa espanhola. Descoberta e conquistas e destruição de civilizações adiantadas que o novo continente – as Índias Ocidentais – ocultava como os Incas do futuro Perú e os Astecas do futuro México. De então aos nossos dias, com a chegada de mais e mais levas de ‘colonizadores’, massacrados os nativos – genocídio, o continente foi gradativamente se desmembrando.

### V – AS AFINIDADES ELETIVAS

O povoamento do solo das Américas: o apego à terra e o isolamento dos grupos humanos, já que contavam apenas com veículos líquidos como meios de comunicação (as águas dos rios e as orlas marinhas), terão como fruto o surgimento de identidades culturais diferenciadas, separados ou agrupados tendo como fulcro a condição de amigo ou inimigo.

### VI – A IDENTIDADE DE CADA POVO

Constrói-se a identidade de um povo antes de tudo pela língua que os une e propicia a relação entre os pares, facilitadora que é do compartilhamento de necessidades materiais e, fundamentalmente de crenças e sonhos. Costura-se a cidadania idiossincrática como se costura a bandeira, símbolo de teias intangíveis que aos iguais une e abriga. ‘A Pátria’ - tela de autoria do pintor ítalo-brasileiro Pedro Bruno nascido no Rio de Janeiro em 1888, na ilha de Paquetá, ao ser premiada em concurso em 1919 recebe do eminente escritor Coelho Netto, em nota publicada na imprensa da época, o elogio de que o prêmio concedido festejava tanto o pintor quanto o poeta. Poetar é a capacidade de Simbolização – a Imagem que se vê é a Expressão enquanto a Ideia é o Discurso que esconde.

### VII – A IDENTIDADE DE CADA POVO

A palavra na língua compartilhada entre pares, gerando o fenômeno da comunicação, a produzir figuras de deuses, heróis – o Mito. O escritor cearense, José de Alencar, foi um dos nossos principais construtores de Heróis e Mitos de uma brasilidade a construir entre nós o sentimento Nativista – *Verdes mares bravios de minha terra natal/Onde canta a jandaia nas frondes da carnaíba./Ali nasceu Iracema, a virgem dos lábios de mel/Os cabelos mais negros que a asa da graúna. . .* A Literatura de Alencar e a Pintura de Pedro Bruno estão indissolivelmente unidos pelo Discurso - *Criança! Ame com fê e orgulho a terra em que nascestes./Criança! Jamais verás um país como este! -*, assim cantou o poeta Olavo Bilac. Acreditava-se, então, no dizer do escritor russo Leon Tolstói: *Canta tua aldeia e serás universal.*

### VIII – A GLOBALIZAÇÃO EM MARCHA

As trocas culturais – a imposição de uma cultura sobre outra, modificou e alterou substancialmente o discurso de Tolstói: ‘*Canta a tua aldeia e serás universal*’. A busca imperialista e de dominação dos mais fracos por uma cultura hegemônica sincronizadora se faz cada vez mais visível. A gênese da ‘servidão voluntária’ se transfigura não mais sendo conseguida pela força e sim pela aceitação de uma inferioridade explícita por ‘força’ de persuasão e sedução. Agora as armas são outras, intangíveis, assumida a supremacia educativa dos *media*, principalmente a Informação e a Ideologização presentes no Jornalismo na Música e no Cinema, ou a sua conjugação concretizada no Audiovisual. Importante: olhar atento para o ‘olhar’ dos fotografados – supremacia e vassalagem evidentes nos olhares diferenciados de senhores e servos.

### IX – A GLOBALIZAÇÃO EM MARCHA

As ferramentas utilizadas em substituição à força são simples – Palavra e Imagem. Ferramentas do discurso verbal (oral/Rádio – escrito/jornais e revistas) e do discurso imagético (Cinema – Televisão). As Palavras nas letras das Músicas e as Imagens nas telas do Cinema e da Televisão são determinantes para a conformação do imaginário. Ambiência em que as fronteiras entre palavra e imagem se anulam. Soterrados fomos pela invasão dos sons de ritmos alienígenas vindos pelos ares da radiodifusão (Rádio seguido de perto pela Televisão nascente) na transição entre as décadas de 1940 e 50 (ver e rever o filme brasileiro ‘Absolutamente Certo!’, de Anselmo Duarte realizado em 1957 – registro histórico da invasão).

### X – A RESISTÊNCIA MALOGRADA

El nombre del hombre muerto  
Ya no se puede decirlo, quién sabe?

A rejeição de impor a cultura estadunidense como hegemônica na América Latina teve seus líderes. A caçada, a morte, e a exibição da vitória faz parte de um velho *script* cinematográfico, tão velho como os *media* – assim foi com o nosso Lampião e o argentino Guevara (rever a exposição via televisão da ‘morte’ do guerrilheiro em ‘Fahrenheit, 451’, de François Truffaut).

### XI – A CAPITULAÇÃO

A absorção pelo ‘sistema’ do elemento transgressor de comportamento aberrante, para o sistema, ao contrário de sua eliminação sumária pode produzir ganhos no mercado globalizado. Impossível dissociar o círculo de giz fechado pelo som jamaicano traçado desde a chegada de Colombo na virgem América à América hodierna – tudo começou e terminou nos mares das Antilhas, agora com novos senhores, não mais os espanhóis.

### XII – A CAPITULAÇÃO

Seguindo à risca o que expôs em versos na música ‘Tropicália’, que deu nome ao primeiro disco solo de sua carreira artística, vale tudo no ‘*showbizz*’ se o que se pretende é fugir a



qualquer custo do anonimato – ‘*pelos cinco mil altofalantes/senhoras e senhores/ ele*’ (‘ele’ ou ‘eia’?) *põe os grandes olhos sobre mim.*’. Dispensando a apresentação de outrem (a irmã Maria Bethânia, em seu *debut* fonográfico é introduzida pelo poeta Vinicius de Moraes) assim se expressa em letra manuscrita na contracapa de seu *elepe*: ‘. . . *quando a gente não tem nenhuma necessidade de ir para os ‘states’ não há mesmo mais esperança.*’ a jogar dubiedade à acusação de servilismo voluntário feita a ele pelo jornalista Paulo Francis em memorável litígio verbal e imagético eternizado pela Televisão.

Terminamos aqui a viagem sobre diferentes viagens a que aludimos nesta nossa viagem. E, como corolário desta nossa pesquisa/viagem há a suspeição de havermos construído, inda que não fosse a nossa intenção inicial, um embrião de um roteiro cinematográfico que pede para que o executemos. Afinal, fechamos as duas frentes constituintes de um roteiro para audiovisual: a imagem que se irá mostrar editada pelo somatório das 12 ilustrações recolhidas mais as imagens adicionais selecionadas pela escolha de cenas do filme analisado; e a banda sonora: ‘voz *over*’ de locutor nos 12 textos explicativos das ilustrações somada ao som das duas músicas escolhidas condutoras do percurso no eixo temporal linear da narrativa filmica – parte-se das três caravelas em direção à poesia das palavras dos versos de Capinan, musicadas por Gilberto Gil e interpretadas por Caetano Veloso.

## Referências

- AMANCIO, Tunico. **O Brasil dos gringos: imagens no cinema**. Niterói/RJ: Intertexto, 2000.
- ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. São Paulo: DIFEL, 1964.
- COLBY, Gerard e DENNETT, Charlotte. **Seja feita a vossa vontade: A conquista da Amazônia: Nelson Rockefeller e o Evangelismo na Idade do Petróleo**. Rio de Janeiro, Record, 1998.
- GENETTE, Gérard. **Introdução ao Arquitexto**. Portugal: VEGA, 1979.
- LIMA, Maria Érica de Oliveira; ALBANO, Sebastião Guilherme. **Cronotopias: a renovação do audiovisual ibero-americano**. Natal/RN: EDUFRN, 2012.
- MORAIS, Osvando J. de. **Grande Sertão: Veredas – O Romance Transformado** /Prefácio Alfredo Bosi. São Paulo: FAPESP/EDUSP-Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SCHETTINO, Paulo B. C. **Diálogos sobre a Tecnologia do Cinema Brasileiro**. São

Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

SCHETTINO, Paulo B. C. **Da Pedra ao Nada – a viagem da imagem**. São Paulo: LCTE

Editora, 2009.

SCHETTINO, Paulo B. C. **Teorias da Palavra – Pilares Fundantes das Teorias da**

**Comunicação** in **Teorias da Comunicação – Trajetórias Investigativas**. Porto Alegre:

PROCAD-CAPES/EDIPUCRS, 2010.

SCHETTINO, Paulo B. C. **El Dia Que Me Quieras**. Revista FAMECOS: mídia, cultura e

tecnologia. Vol.18, Nº3. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

SCHETTINO, Paulo B. C. **Lição de Comunicação e Cultura: O Plástico, o Pobre, e a**

**Operação Plástica de ‘ensacolamento’ via os *Media***. ANAIS – INTERCOM/Fortaleza, 2012.

SCHETTINO, Paulo B. C. **Duas Amazônias**. ANAIS – INTERCOM/Manáus, 2013.

SCHETTINO, Paulo B. C. **Teorias da Palavra II – de Relações e Conexões** in

MARTINO, L.C.; FERREIRA, G.; HOHLFELDT, A.; MORAIS, O. J. **Teorias dos Meios**

**de Comunicação no Brasil e no Canadá**. Bahia: UFBA/ PROCAD-CAPES, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **A Vida em Comum – ensaio de antropologia geral**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

TOTA, Antonio P. **O imperialismo sedutor – A americanização do Brasil na época da**

**Segunda Guerra**. São Paulo, Cia. das Letras, 2000.

TOULET, Emmanuelle. **O cinema, invenção do século**. São Paulo, Objetiva, 1988.